

**UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA REGIONAL DE CHAPECÓ-UNOCHAPECÓ
VICE REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS GRADUAÇÃO
CENTRO DE MEMÓRIA DO OESTE DE SANTA CATARINA-CEOM.
PROJETO PATRIMÔNIO ESCOLA COMUNIDADE – CAXAMBU DO SUL**

ENTREVISTA N° PASTA:

ENTREVISTADO: ITAMAR FISTAROL

ENTREVISTADORES: **ANDRÉ LUIZ ONGHERO (AL)**
LUCAS ANTONIO FRANCESCHI (LF)
MATEUS SPADA ZATI (MZ)

Transcrição: Diogo José Dreyer Teixeira
Revisão: Juliana Schütz e André Luiz Onghero

AL: Entrevista realizada com Sr Itamar Fistarol, na sua residência, na Linha Volta Grande, no dia 31 de maio de 2008, por André Luiz Onghero, Mateus Zati e Lucas Francheschi.

MZ: Entrevista realizada dia 31 de maio de 2008 por Mateus Spada Zati e Lucas Franceschi.

AL: E André Luiz Onghero.

MZ: É, com quem o senhor mora?

IF: Eu moro na minha, na minha propriedade mesmo.

MZ: Quem mais mora na propriedade?

IF: A minha esposa e minha filha.

MZ: A profissão do senhor?

IF: Produtor.

MZ: A renda do senhor?

IF: Ah, isso varia, né, em média de 500, 600 pila por mês, aí.

MZ: Além da família, de quais outros grupos sociais que o senhor participa?

IF: Mas eu não tenho grupo nenhum, assim, que participo, né. Eu vô na igreja... na igreja evangélica e nenhum tem nenhum grupo, assim, que participo.

MZ: O senhor nunca participou de nenhum grupo nem quando era criança?

IF: Não, nunca participei.

AL: Da comunidade, aqui...?

IF: Sim, eu era católico, né, daí agora eu sô evangélico, né. Participava aí da comunidade, né, catequise e coisa assim, né.

AL: E a igreja que o senhor frequenta agora fica aonde?

IF: É evangélica, num... tipo assim, onde pregam a bíblia, né, eu to indo, né, não tem fixa, né.

AL: Ah! Não é fixa.

IF: É. Num é fixa.

MZ: A igreja evangélica dá algum tipo de assistência ou tem algum tipo de programa que o senhor tenha contato?

IF: Não, não, num tem esses... eu assisto pela televisão, bastante, e quando eu posso eu vô, mas num é sempre, porque é longe, né, aqui é longe das igreja.

MZ: O senhor poderia nos dizer algum fato marcante na história da vida do senhor, algo como um casamento, inundação do Rio Uruguai ou um evento, uma festa?

IF: É... Da inundação do Rio Uruguai. A água, aqui, veio no pé dessa casa aqui. Bem ali ansim, veio quase... bom, toquemo de saí daqui quando eu era piqueno. Isso ai foi em oitenta e... 86, acho 84, num lembro bem. Sei que tivemo de puxá a mudança pra cima, né, porque veio a água aí. Veio bem aí. Quase pegô imboxo da casa.

AL: E aí foram morá aonde?

IF: Não, nós só mudemo a mudança pra cima depois quando abaxô a água voltemo, né. Tinha um paiól véio ali em cima e mudemo pra cima e depois voltemo de volta.

AL: E ficou dias a água ali?

IF: Isso ficô uma semana, por aí, daí abaxô, né. Era no inverno, né.

MZ: O senhor nasceu aqui na localidade ou...?

IF: Eu nasci, eu nasci aqui. Nasci em vivi aí, né.

MZ: E como era a localidade quando o senhor nasceu, a região quando o senhor nasceu?

IF: Tinha bastante gente, né, bem mais gente do que hoje, né.

AL: Por que será? As famílias eram maiores?

IF: Mas eu num sei, o pessoal foram indo pra cidade, eu acho que a produção era pouco, e dava pouco, né, acho que na cidade era melhor, né, que o pessoal foram se retirando, né.

MZ: O senhor não chegou a acompanhar nenhum tipo de chegada de pessoas na região?

IF: Sim. Bastante gente chegô, né, e saiu de novo. Quem ficô mais aqui que eu sei foi o pai, o meu tio, né, que veio do Rio Grande e moraram aí, ficaram, né.

LF: O senhor lembra quando que eles vieram, que ano que era?

IF: Eu não lembro, sei que o pai fala que faiz uns 50 ano que ele morô aqui, né.

MZ: Ele chegou a comentar motivado pelo que? Que ele veio pra cá.

IF: Mas ele num chegou a comentar assim. Que na época a mudança deles era de a cavalo. Bão, acho que 20 km eles levarô 2, 3 dia pra vim, ele falô. [risos]. De a cavalo, né, com cavalo puxando a carroça né, diz que levô 2, o 3 dia, se eu não me engano... essa viagem dele. De 20 km.

LF: E aqui, eles já tinham morado aqui?

IF: Uhm... Não perguntei quanto a isso, mas eu acho que tinha alguma outra moradinha, não era essa aqui, né. Que essa, essa casa aqui ele feiz depois, né, ele falo que...

AL: E, e o seu pai chegou a comentar o que que ele fazia quando veio morar aqui?

IF: Agricultor, né, plantava feijão, milho... Sempre foi agricultor.

AL: E já era nessa terra aqui?

IF: Já era nessa terra. Ele plantô aí.

AL: E com o tempo, aí foi mudando...?

IF: Foi mudando.

AL: ...A produção. Daí virou o que?

IF: Virô o que ele, tá criando, virô pra gado, né. Produção de gado, melancia... A melancia deu uma renda boa, quando começemo a plantá melancia, até hoje dá, né... Dá bem né se tu plantá melancia.

AL: E como é que vocês fazem daí com o plantio de melancia?

IF: A melancia tu... prepara a lavôra, coloca semente, né, na terra e alí por... dezembro, por aí, ela tá saindo, em Natal, por aí. Já tem pra vendê, né.

Al: E vocês vendem pra alguém vir buscar ou...?

IF: Vende pra... pro... É, alguém que liga, né, o pessoal vem buscá de caminhão, né.

AL: Ah, daí vende praquele...

IF: É.

Al: ...Pessoal que vende com os caminhões...

IF: Sim, sim. É, nos mercado também, né, eles pegam e levam nos mercado tamém.

AL: E produz bastante melancia?

IF: Produz bastante, aqui a região... bom, a capital da melancia aqui é a região de Caxambú, né. Já tem, a capital da melancia é Caxambú, né.

AL: E em Caxambú também a Volta Grande é uma das linhas que mais produz, né?

IF: A linha que mais produz é a Volta Grande! Né, e agora vai ficá no fundo da água, né, por causa da barage, né. Apesar as marge aqui é as terra mais produtiva que tem, né. Produtiva porque é uma terra muito chata e muito, muito forte, né. Não precisa nem colocá insumo, nada, quage. Dá muito bem a melancia.

AL: E dá só no verão, né?!

IF: Só no verão, é só uma safra. Mas no inverno num... não produz, né, só no verão.

AL: E daí ficam só trabalhando com o gado?

IF: Só o gado.

AL: E como é que é a lida com o gado, como é que vocês fazem?

IF: Aqui na nossa região a lida c'o gado é boa, né, porque não dá quase inverno, né, é difícil cai geada, né, e a pastage é boa, né, essas costêra de rio da bastante pasto.

AL: E vocês tem bastante cabeça de gado?

IF: 60 cabeça, nós temo. De gado.

AL: E trabalha com leite também, não?

IF: Não, leite não, é só pra corte. É só pra carne.

AL: E como é que faz a, como é que funciona a venda do gado?

IF: A venda, a gente vende pros açougue, eles carneiam e vende po mercado, né. Eles vem buscá aí de caminhão e vende 10, 20 cabeça e eles vem buscar. E eles carneiam lá e vendem pros mercado, daí.

AL: E os cabrito também, são...?

IF: Temo criação de cabrito, aí, é.

AL: E quantos cabritos tem?

IF: Nós temo 20 cabrito. Tamo começando criá agora, né.

MZ: O senhor falou sobre a produção, lá no início, de milho e de feijão. O senhor chegou a participar do, do plantio...

IF: Sim, eu cheguei a participá, ajudei o pai a colhê, plantá...

MZ: E como é que era naquela época?

IF: Aquela veiz era sofrido! Porque quase num existia incentivo, terra, tamém, era muito poco, o pai tinha, né. Sei que era bastante sofrido. É, aí, tipo, o pai tinha, nós semo em 9 na família, sei que ele tinha que dá um duro pra sustentá os filho e coisa. Não era fácil!

AL: É 9 filhos?

IF: É 9 filhos do pai, né.

MZ: Quem trabalhava na produção do...?

IF: Mas era pareio! Quem tinha idade, assim, de 10 ano pra cima ia trabalhá, né. Arrancá feijão, colhê milho... O pai tamém tinha uma trilhadeira e ele trabalhava pra fora, né. Na maiança assim, aquela vez quase não existia triadeira, né. Ele comprô uma trilhadeira e trabalhava pra fora também.

MZ: O processo de vocês era só manual?

IF: Era... É, só manual. Que aquelas trilhaderinha é... não sei se 'ce chego a conhecê, mas...

MZ: Não...

IF: É que tu tem que colocá o feijão, milho alí, né. É uma coisa que ajuda pra malhá, não precisa malhá na... no cacete, que eles diz, né, co braço, né. Ajuda um eito, né.

MZ: O senhor podia explicar um pouco como é que é essa máquina pra gente?

IF: Essa máquina, assim, tu, tu arranca, por exemplo, feijão, e daí tu dexa secá e daí tu, tem um motor, tudo, tu vai colocando ali, tipo, numa boca ansim, ela vai maiando e vai saindo o feijão lá, né. Era bem mais sofrido que hoje, né. Hoje eles colhem com colheitadeira e coisa, né. Era bem mais difícil.

AL: E a trilhadeira é à luz?

IF: Não, era um motor à gasolina.

MZ: Além da, da agricultura do feijão e do milho, vocês pescavam, alguma coisa assim?

IF: Nós pescava tamém. Pra comê, né. Que antigamente não tinha muito ansim, pra vendê, né. Era mais pro consumo, né.

MZ: Essa produção, no início, ela era pra consumo próprio ou ela era pra venda?

IF: Era pra vendê, também. Porque... Uma parte pra vendê, uma parte pro consumo, né.

LF: Vendia aonde?

IF: Vendia na cooperativa, tinha outros comércio, até hoje é fechado, acho que era Catanni, o nome dos cara que compravam, né.

LF: Como é que vocês faziam o transporte aqui da, da Volta Grande até a cooperativa?

IF: Na época que eu já era grande, eles faziam de caminhão. Já existia caminhão, né. Mas diz quando o pai chegô aqui era tudo com, com carroça de burro, né, puxava. Diz que colocava nos burro e levava o feijão, né. Isso há 50 anos atrás, né.

MZ: O senhor falou que a produção atual é mais de gado e melancia. Quando que deu a mudança do milho pro gado? O senhor sabe?

IF: Ah, isso foi no decorrer dos ano, faiz... acho que uns 20 ano atrás, que o pai daí... o pessoal foram indo pra cidade, e daí ele foi compro mais uns pedacinho de terra, e daí arrendô mais umas terra, e foi criando gado, foi vendo que era mais fácil, né, de lutá c'o gado, e daí hoje ela tá mais no gado, né. Então nós temo trabalhando só mais no gado.

AL: E os seus irmãos, que rumo tomaram?

IF: Os meus irmão tão uma parte em Chapecó, uma parte em Bento Gonçalves, tem um em Florianópolis, tamém.

MZ: Hoje, quem trabalha na produção, aqui?

IF: Aqui semo só eu e o pai, né, no caso, o pai já saiu, né, ma tá só eu agora, né.

AL: E tem aqui o seu Luiz, é seu tio?

IF: O Luiz Cláudio é meu tio. Ele trabalha com gado, tamém. Ele tem bastante gado, tem umas 150 cabeça.

MZ: Não existe nenhum tipo de relação de ajuda entre os vizinhos, parentes, o senhor...?

IF: Sim! Aqui os vizinho tudo um ajuda o otro, né. Tipo assim, se precisá dum boi, ou de uma carroça, ou... o que precisá, né. Dum...Qualqué coisa eles tão pra ajudá, né. Um ajuda o otro, né, porque aqui é longe, os vizinho. Vocês pode vê, que é, o primêro vizinho dá uns dois quilômetro pra lá, né, pra cá, tamém, otro. Os vizinho se ajudem.

MZ: Como é a lida com o gado e a lida com a melancia, hoje?

IF: A lida c'o gado, hoje, é uma lida boa, né, porque o gado, tu num... tipo assim, não dá tanto serviço, tu vacina eles, dá sal, cuida a cerca e num tem muito o que fazê, né, e c'a melancia tamém não é tão difícil, que tu planta ela e dá uma limpa, ela já vem, né, no verão, ela vem rápido e é um

produto assim que tu tira só uma veiz, tira ali da, da lavôra, coloca direto em cima do caminhão tu tá c'o dinhêro. Num é igual o feijão, que tu arranca, o milho que tu quebra, pra lá e la cá, né. É bem melhor a melancia, né, hoje, o consumo, pra, pra vendê, né.

MZ: O senhor podia falar pra gente explicar qual, qual é o período do plantio, da colheita da melancia?

IF: Da melancia... deixa eu vê, eu num to bem lembrado. É de setembro a dezembro. Pranta em setembro até dezembro.

MZ: E a colheita fica...?

IF: Em dezembro.

MZ: Em dezembro?

IF: É.

MZ: Tá certo. As festas aqui, locais, da região, que o senhor participa ou que o senhor participava quando era criança, o senhor podia explicar um pouco pra gente, se tinha uma festa local, uma festa em Guatambú... em Caxambú do Sul...?

IF: Aqui sai festa na comunidade aqui, né, nas comudade vizinha.

MZ: O senhor podia explicar pra gente o nome de uma delas ou como elas acontecem?

IF: Ah, as festa, tipo ansim, eles tem uma festa... tipo, sai sempre no domingo, né. Daí tem churasco, de tarde, divertimento, festa, coisa assim, né. Som ao vivo, é mais ou menos assim.

MZ: Que tipo de som toca nas festas?

IF: Mais é sertanejo... de tudo um pouco, né.

AL: E tem alguma competição esportiva nesses dias aí?

IF: Tem, sempre tem, que nem o jogo do cinquillo, o jogo de bola mesmo, né, mas tradicional e... de tudo um pouco, né. Sai, sempre tem.

AL: E, essa esta é por ano, uma vez por ano, é mais?

IF: Nas comunidade aqui... na comunidade é uma vez por ano, né, mas daí tem nas otra comunidade, se a pessoa quer ir, né, tem bastante comunidade, aí, vizinha.

MZ: E quando o senhor era criança, o senhor lembra das festas, como elas eram, se eram diferentes?

IF: Mas eu, pra te falar, quando comecei saí, ansim, mais pra í em festa, acho que tinha uns 15 ano, por aí, que comecei é em festa, né, que eu lembro.

MZ: E era muito diferente das de hoje?

IF: É, na época era divertido, né, porque quando a gente é criança, né, gosta de jogá bola e coisa, né, é bem divertido as festa, né.

LF: Que que o senhor brincava quando era criança?

IF: Ah, ma nós brincava de, de se escondê, de jogá bola, também, caçá de bodoque, pescá, essas coisa ansim, né.

LF: O que que vocês caçavam?

IF: Nós caçava, tinha lebre, tatu... tinha bastante bichinho, né, hoje tem poco, já, né, mas antigamente tinha bastante.

AL: Tinha mato aquela vez?

IF: Tinha mais mato aquela veiz.

AL: Vocês caçavam aqui perto ou tinha que ir longe?

IF: Tinha meio perto, por aí, nós temo a ilha alí tamém, tem bastante tatu, capivara. Capivara tem bastante aí.

AL: Ainda hoje tem?

IF: Tem! Hoje tem! Matei uma veiz capivara... Até nós temo um milho ali, elas tão comendo quase tudo o milho, home. Come, gostam do milho. Elas meio, meio vem alí de noite.

MZ: Existe algumas lendas ou causos que o senhor se lembra?

IF: Má o pai conta lendas, assim, né, tipo alí de cima, da, da gruta, onde que 'ceis foram olhá alí. Que, dizendo eles, que tavam cavocando um buraco, né, e o... era o tio do meu pai, até, que feiz aquele buraco, e dizendo esse, um otro home, que eles escutaro um barulho, né, e diz que num era pra corrê e nem falá, né, que daí iam achá oro. E daí, diz que quando tavam perto pra achá, diz que veio um baruiio muito esquisito, um rumor e eles correro e dexaro o buraco e se mandaram pra cá. Ficaro com medo, né, decerto.

AL: Isso foi em que época?

IF: Isso, a época eu num sei, isso faiz tempo, né, o pai que conta isso. Num lembro a época.

AL: E esse homem que veio de fora aí era o Brigido?

IF: Esse home desse buraco era um otro, o Brigido, o Brigido veio depois, né. Esse aí já é um buraco que fizero manual, né, à pá, cavadêra, né.

AL: Quando o Brigido veio fizeram com...

IF: Com trator, já.

AL: Então já foi com trator...

IF: Com trator! Isso faiz uns deiz ano atrás que fizero com trator.

AL: E foi no mesmo lugar onde tinham feito esse...

IF: Foi quase no mesmo, meio do lado assim.

AL: E eles tavam procurando o ouro, né?

IF: Tava procurando o oro, até eles tem o rotêro do oro, tudo, né. Esse Brigido, ele é índio, né. Ele é um cara muito estudado, é índio. Até era gerente do banco lá em... não sei que região, Joinville, não sei aonde lá. Um cara muito estudado, ele teve aí e trabaiô mês aí, acho que uns três, quatro mês.

AL: O senhor conheceu ele?

IF: Conheci! É, ele vivia por aí, nós almoçava... gente muito boa ele!

AL: E lembra, talvez, de alguma história que ele contava dali?

IF: Ele, tipo assim, ele... que ele não era daqui, né, esse Brigido, ele era de fora. Ele pegô pelo rotêro e veio aí pa achá esse oro. Ele memo história num tinha, né, ele ovía contá dos otro, história e coisa, né. Que os mais antigo conta bastante história, ma a gente quage num lembra muita história, né. Lembra pocas história.

AL: E essas pedras, que o senhor vê que tem alí pra cima, até tem aqui na frente da casa, né.

IF: Aham.

AL: Essas pedras são meio retas assim, então o senhor sabe alguma coisa sobre essas pedras aí?

IF: Essas pedra aí, dizendo até o Brigido, que é os Jesuíta que fizero, né. Fizero uma taipa ali, até tem dos 40 marco, um rotêro, tudo, eles tiraro os 40 marco, tudo pedra grande, né, mais o meno uns dois metro e meio quadrado e até tem hoje ali bastante pedra daquelas, né, e tem uma taipa assim que até atravessa o rio lá. Lá o rio quando tá bem, bem baxinho, né, quando dá seca, dá pra até atravessá de a pé, né. Tem uns marco assim. Ele diz que é os Jesuíta que fizero, né. Esse Brígido.

AL: Mas é bem grande, né, essa...

IF: É grande!

AL: E é só nessa área alí que tem...

IF: É só nessa área...

AL: ...Uma faixa, assim, né.

IF: ...Que enxerga, né. Diz que vai muito longe pra lá, né, essas, essas taipa pra lá, tamém, não sei pra onde é que vai, mas vai longe!

AL: A gente fez algumas fotos ali. Dá pra ver como dentro da terra eles tão tudo junto, né.

IF: Tudo! Foi feito, tu vê, por mão de home, parece, né, bem feitinho, assim, né, coisa que... que não é da natureza, né.

AL: É... Um mistério aí, né?

IF: É um mistério.

AL: Pior que ali eles tão tudo enterrado, né...

IF: Tudo certinho, coisa que tu... parece que foi colocado, né. Igual, a mesma coisa que tu fazê uma casa com tijolo. Tudo certinho.

AL: E o senhor sabe tavez alguma outra história sobre essas pedras, sobre esse lugar?

IF: Não. Outra história, não.

MZ: Sobre os 40 marcos, o que que é os 40 marcos?

IF: Esses 40 marco tá no rotêro, eu não cheguei a ler esse rotêro, né? Que esse rotêro aí, sei lá com'ê que foi escrito pelos antigo, ou pelos jesuíta mesmo. Esses 40 marco, diz que dali uns tanto metro pra baxo tinha oro, né. Mas eles num conseguio chegá onde era pra chegá, que começô dá muita água em baxo, né, uma vertente d'água muito forte, num conseguiram chegá, né.

AL: Ali?

IF: É, ali.

AL: E essas que o senhor tem na frente da casa, daí foi pêgo de lá?

IF: Sim, foi trazido de lá, nós truxemo c'os boi, de arrasto.

AL: E, e outras histórias assim de visagem, de coisa no rio assim, o senhor sabe alguma?

IF: Não, visage não, no rio não.

LF: E algum causo assim, que os antigos contavam pra assustá as crianças, o senhor lembra de algum ou não?

IF: Eu não lembro de nenhum causo assim.

MZ: A gente percebe hoje que na gruta ela tá fechada. Ela tem uma entrada mas ela tem pedras em cima...

IF: Aham.

MZ: O senhor sabe o que que ocasionou o fechamento da gruta?

IF: Aquilo ali era um buraco muito... eles fizeram, né, até o seu Brigido fez um buraco ali, acho que dava mais o menos 25, 30 metro. E daí eles foro até lá embaxo, né, até onde conseguio chegá, daí começo dá água e água e daí deu inverno e eles tocaro de pará, né, e daí num viêro mais, e aquilo faiz um, mais de deiz ano, aquilo foi soterrando, né, mas antes, alí era a coisa mais linda de vê, né.

AL: Foi soterrando por causa da chuva?

IF: Por causa da natureza mesmo, aquelas grama e coisa, né.

AL: A gente ve lá que tá descendo a terra.

IF: Sim tá descendo, tá desmoronando. Cada veiz desmorona mais, com, se vocês vim daqui 5 ou 10 ano aquilo vai tá um pareio, já. Tu pode vê que embaxo lá tem água, né. Aquilo ali é forte aquela água que tá loco, só uma seca pra secá e óia lá.

AL: Tá alagado lá, né.

IF: Tá alagado, tem um lago embaxo, né.

MZ: E a relação do senhor com o Rio Uruguai, como, como o senhor define?

IF: Ah, o Rio Uruguai aqui pra nós é bão, né, que água não falta pro gado, pra pescá tamém, tu sempre tem peixe, né. De vez em quando pesquêmo pra vendê, tamém, né, quando sobra tempo, né. E o Rio Uruguai é bão, perto, né, é até bunito de vê, né.

LF: Que tipo de peixe o senhor costuma pescar?

IF: Aqui tem cascudo, dorado, tem bastante tainha, surubí, é... tem bastante variedades de pêxe, né, que pega mais aqui.

LF: O senhor tem algum, derepente algum "causo", alguma história sobre o Rio Uruguai, sobre uma pescaria que o senhor fez...?

IF: Não, história ansim...

LF: Algum fato curioso...?

IF: Não, fato ansim, não...

AL: E a ilha aqui?

IF: A ilha aqui é nossa, a ilha ali. Alí nós soltêmo o gado, alí. Até, agora não tem gado alí, tem que levá agora, né.

AL: Mas como faz pra levar o gado lá?

IF: Nós levamo co caíco, puxando eles cuma corda do lado, ansim, né.

AL: Ah, eles vão nadando?

IF: Eles vão nadando do lado.

AL: Olha só! E vocês que fizeram aquela pastagem lá?

IF: Sim, nós que fizêmo! Rocêmo lá, tem a pastagem, tudo, ceis pode vê, lá. É tudo nós que fizêmo, lá, a pastage.

AL: E perto alí da ilha tem aquele negócio tipo um círculo de pedra, né?

IF: Até a, com'ê que eles diz, a corredêra, que eles diz, lá em cima lá?

AL: Tem a corredeira do lado, né...?

IF: Sim, a corredêra do lado.

AL: E tem a roda? Tem as pedra que fazem uma roda?

IF: Ah, sim!

AL: O senhor já viu lá?

IF: Sim, aqui, alí em cima sim.

AL: Pra cima, alí.

IF: Sim, pra cima alí. É.

MZ: O senhor vai ser atingido pela barragem, não vai?

IF: Sim, vo sê atingido pela barage.

MZ: O senhor já sabe pra onde o senhor vai?

IF: Não, não sei pra onde que vô í, ainda, não tá nada definido.

MZ: O senhor tem vontade de permanecer na região? Como é que é?

IF: A gente, vontade teria, né, só que aqui as terra tão muito cara por causa da barage mesmo as terra se tornaro cara, né, daí não vai conseguí comprá por aí, tem que í pra longe, né, não sei pra onde é que ímo í.

MZ: E a relação com os vizinhos, como é que ela vai ficar nesse sentido?

IF: Ah, os vizinho, capaiz de nem se vê mais. Vai sê muito difícil pra se vê, porque se tu vai aí 100, 200 km, é muito difícil tu se vê, né. Tem vizinho que nunca mais tu vai vê. Pode esquecê.

MZ: Como o senhor lidá com essa situação?

IF: É, fica meio, né, complicado, porque a gente é acostumado c'os vizinho, tem uma relação boa cos vizinho, amigo e... os vizinho são tudo gente boa, né, às veiz tu vai notro lugar, vai sabê que

vizinho que tu vai tê. Aqui, em termos tamém de ladrão, num tem, né, nunca robaro um gado, nada, né. E vai notro lugar, vai sabê se vai tê ladrão, ou não, né.

AL: E o senhor pretende continuar trabalhando com gado?

IF: Eu pretendo trabalhá c'o gado, mas não sei se vai dá, né.

AL: E como é que faria, daí, será que dá pra levar o gado?

IF: Se conseguí comprá a terra, né, acho que vai sê difícil comprá, porque a barage tá pagando muito poco, né... eu vo continuá co gado. O gado leva, né, no caminhão, né. É facil pra levá, só que tem, o problema é a terra, né. Quenem aqui, tem bastante espaço de terra, né.

AL: Teria que arrumar um lugar que tivesse uma terra boa pra criar gado, né?

IF: Criá gado, porque a renda do gado é boa, né.

AL: E o senhor estudou aqui em Caxambú?

IF: Eu estudei aí em Dom José, né, pertinho de Caxambú. Estudei só até a quinta série. Quenem eu í pra cidade tamém é difícil, porque não tenho estudo, né. Uma é por causa disso, né.

AL: E como é que o senhor fazia pra ir na aula lá em Dom José?

IF: Nós ia de ônibus. Pegava o ônibus a uns treis km daqui e ia de ônibus. E por primêro, até a quarta série, nós estudava naquela escolinha alí, hoje tá um paiol alí, né, tinha uma escolinha, até a quarta eu estudei alí.

AL: Aquela bem pertinho, ali?

IF: É, aquela aí, perto daquela casinha ali.

AL: Ah! E quem era seu professor, professora?

IF: A profe... era uma professora, era Clair Shoinhak, ela mora lá em cima, ceis pararo la na casa dela aquele dia. Lá pra cima. 'Ceis descero por lá, né, aquele dia. De a pé...

AL: Tá...

IF: É lá em cima que ela mora. Hoje ela dá aula ainda lá em Caxambú, por lá dá aula.

MZ: A gente pode perceber algumas plantações de, de cítricos, de...

AL: Bergamota.

MZ: Bergamota.

IF: Aham.

MZ: O senhor produz pra consumo próprio, pra venda...?

IF: É só pra consumo próprio, nós temo aí, algum pé, né, prantemo pro consumo próprio.

LF: Que época que ela costuma dar o fruto assim?

IF: Essa época, né. Essa época ela tá boa de chupá, ó, tá bem amarelinha, tá boa.

AL: E como é que faz assim, de saúde, aqui pro pessoal da Volta Grande?

IF: Aqui tem que í em Caxambú, né, quem tivé doente tem que í no hospital em Caxambú.

AL: E como é que é o atendimento lá?

IF: O atendimento até que é bom, no hospital de Caxambú, não dá pra se queixá.

AL: E como é que faz os horários pra ir?

IF: Horário num tem, qualqué horário que tú quisé ir, eles atende, né.

AL: E tem o posto de saúde, também?

IF: Tem o posto de saúde, eles atende de dia, né, acho que é das 8 às 6 da tarde, que seja, 5, acho, 5 da tarde.

AL: E antigamente, quando o senhor era mais criança, assim, também fazia desse jeito pra saúde?

IF: Não, antigamente a saúde era mais difícil que hoje, né, tinha hospital ali, mas era mais difícil.

AL: Mas porque que era mais difícil?

IF: Mas sei lá, porque não tinha, sei lá se não tinha, acho que menos médico, sei lá... como é que...mais difícil, né.

AL: Dentista, também, alí no posto?

IF: É, dentista não tinha, hoje tem um dentista que vem aqui na comunidade, aqui, né, vem tudo as segunda feira.

AL: E no mais, assim, fazem coisas em casa também, tratamento, chá...?

IF: Tratamento... Ah! Em pra, tipo assim, pra dor de cabeça, alguma dor assim?

AL: É!

IF: Sim, sempre tem chá, né, cada um tem o seu chá, né, que, que serve, tipo, chá de macela, massaninha, até um chá de laranja, pra gripe, ou mel, pra gripe, tem, né, essas, esses chá, né.

AL: Uhum... E o mel, consegue por aqui mesmo?

IF: O mel nós produzimo mesmo, tem caxa de abelha, nós tirêmo e...

AL: Ah!

IF: É. Nós temo umas 15 casa de abelha aí. Tirêmo pra vendê tamém, um poco, de vez em quando, quando sobra.

AL: Que bom! Tem mais alguma coisa que o senhor gostaria de contar?

IF: Não, não tenho nada...

AL: Faz tempo que o senhor é casado?

IF: Faz um ano que eu sô casado.

AL: Ah! E o nenê tá com que idade?

IF: Tá com um ano... com um ano.

AL: Mas então a gente agradece a sua entrevista...

IF: Mas não tem do quê! A hora que vocês precisá temo aí, né, o que nós pudé contá!

MZ: Foi um prazer! Obrigado, Sr Itamar!

IF: De nada!

Fim da entrevista